

Trabalho apresentado na VIII Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise – maio/2004

Mais-Um Dizer sobre o Cartel de Lacan

Dirce Valença

“Para vocês, o Cartel, o Mais-Um, o que é em função do meu ensino?”
Jacques Lacan

É com esse enunciado emblemático que Lacan orienta a discussão das Jornadas sobre Cartéis em Abril/75 na École – e é dessa questão que nos ocuparemos nesse trabalho, ainda que para isso apliquemos o recurso da escansão, por consideramos o melhor, no momento, para enfrentarmos questões abrangentes, visto que o desejo de saber encontra obstáculos.

Ao decidirmos, assumimos o prejuízo resultante daquilo que é demandado, do que é supostamente encontrado, situando-nos no campo das exigências do desejo, pelas vias do deslizamento do objeto.

De saída topamos com o “muro” – **L’*amour***¹, como diz Lacan poeticamente, aludindo ao jogo homofônico (permitido no francês), entre *amour* (amor) e *mur* (muro), ele está em todos os lugares. Resignemo-nos então com a barra, com a desilusão de “Um-Tudo” e figuremos com apenas Mais-Um Dizer que se precipita em fragmentos do inefável, que cai como resto na escrita.

“Do que se envia aos muros”, algo desse saber em construção, “tem como propriedade repercutir”, assinala Lacan².

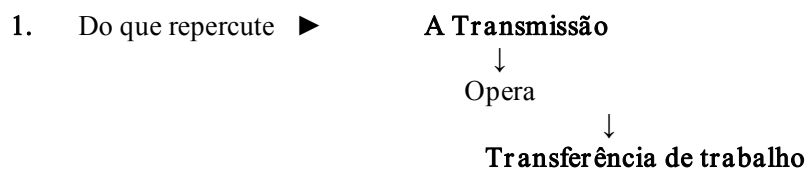
Repercutir faz ressoar, por meio da escrita “enquanto representação de palavras”, interrogando a linguagem e lançando-nos de volta ao muro, lugar da castração e, em torno desse, inscrevemos a nossa experiência de cartelizante.

O que podemos exercitar desde já, a partir daí?

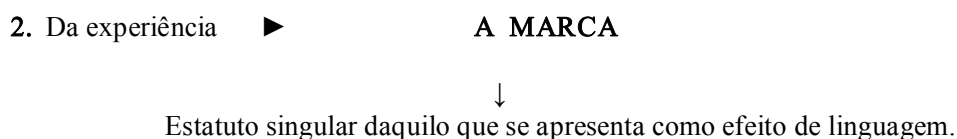
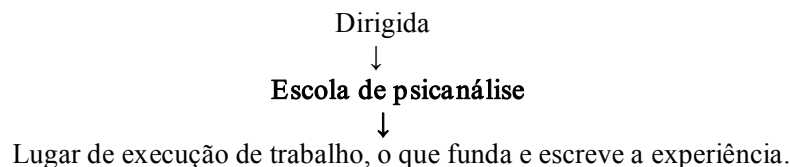
Esquematizemos:

¹ LACAN, J. O Seminário. O Saber do Psicanalista. 1971-1972. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

² Idem, pág. 57



Que se dá pela via da escrita, o que põe em condições de tratar o Real através do simbólico.



Passemos por esses pontos, atentamente, visto considerarmos axial, de reviramento, na formulação do conceito de Cartel, ao mesmo tempo em que essas referências nos aproximam e nos revelam um campo de especificidades. Em torno dessas, prossigamos.

Bem a propósito, lembremo-nos de que a palavra Cartel dentre outras acepções, mantém uma referência matemática com o nome próprio³, já que, no Egito antigo, os nomes próprios eram emoldurados com um cartucho (círculo) que os diferenciavam dos nomes comuns.

Portanto, o Cartel trás um efeito de marca – marca essa que é esperada por cada um de seus membros. O falar em nome próprio dá a possibilidade de cada um tomar a palavra, um a um, cujo produto próprio só se viabiliza através da transferência de trabalho.

Ao vetorizar a transferência, traduzida essa em demanda, dirigida à Escola, Lacan demarca o lugar da transmissão e, por suposto, estabelece, uma radical condição para o seu funcionamento, ao declarar com agudeza⁴:

“Esses que vierem nesta Escola se engajarão na realização de uma tarefa submetida a um controle interno e externo. Eles estão assegurados, em troca, que nada será poupado para que tudo o que fãrão de válido, receba a ressonância que merece, e no lugar que convirá”. E mais a diante, “Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada num pequeno grupo.”

³ História Geral – Maior, A. Souto pág. 35 – Companhia Editora Nacional.

⁴ Annuaire – École Freudienne de Paris - 1977

É a partir dessa perspectiva que o Cartel passa a compor um dos procedimentos de garantia da formação e da transmissão da psicanálise.

Contextualizemos:

Ao privilegiar o Cartel como órgão de base para a entrada na École Freudienne de Paris, em 1964, Lacan não só inaugura uma nova Escola, como dá partida a uma nova invenção; implicado no que sempre esteve com a formação de psicanalistas, busca reconduzir a práxis instituída na letra de Freud - “*o fio cortante de sua verdade*”.

Momento dramático se impõe, o de ruptura com a IPA, com tudo o que se possa carregar de efeitos.

Assim, Lacan tal qual Sócrates, na *polis* grega, fazendo produzir a partir da falta, oferece, como antídoto, um novo dispositivo de trabalho a partir de pequenos grupos, como garantia da transmissão do saber psicanalítico.

A dor do parto, transformada em passo, em construção. Lacan põe-se à prova: anuncia o Cartel e sustenta sua posição, negando-se a ser negociado naquilo do que é do desejo, naquilo no que o interroga.

Excomungado, posto em condições de impossibilidade de retorno, escapa da ameaça de domínio da “Comunhão dos Santos”, proferido pelo discurso universitário e alicerçado na hierarquia que rende homenagem ao poder.

Naquele momento, rompia ele com os padrões afirmados na prática didática, assim como com os efeitos imputados ao seu ensino.

Uma porta se fechava (IPA), outra se abria (École), marcando, nessa dialética do movimento de dobradiça - no abrir e no fechar -, uma nova trajetória de ensino. Extraímos daí uma segunda referência etimológica à palavra Cartel, do latim *cardus* – gonzo, dobradiça.

Observemos a travessia solitária desse Um passa(*dor*) que se fez ato: “*Eu fundo tão só quanto sempre estive em minha relação à causa psicanalítica (...)*.” Nascia nesse momento a École Freudienne de Paris.

Ao nomear Cartel aos pequenos grupos em sua Escola, Lacan nos franqueia um dizer sobre. Vamos pois, tentar conversar a respeito dessa questão, na perspectiva de uma investigação em andamento.

Para isso, deter-nos-emos em seu dispositivo e notadamente nas incursões do material resultante das discussões das Jornadas sobre Cartéis, suscitadas por Lacan e publicadas na *Letteres da École* Abril/75, portanto, há 11 anos, após a sua fundação, no texto da *Mayêutica* Instituição Psicoanalista de Buenos Aires; além de examinarmos outras leituras de seus Seminários, onde encontramos apoio para diferentes noções.

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

O Cartel se inscreve na Escola, ele se situa em sua estrutura como unidade; esse, para nós, é um primeiro ponto que gostaríamos de registrar: portanto, para nós), antes de Cardo, Escola. Porque é a Escola que funda, escreve a experiência de funcionamento do Cartel é nesse sentido que a vemos em sua condição imanente, o que equivale dizer, usando de um *slogan* publicitário, que se transformou em chavão: pensar Cartel é pensar Escola e vice-versa.

Mas o que tem de implicado nessa relação, dita por nós, indissociável?

A esse propósito, situemos as bases do seu funcionamento. O Cartel surge para sustentar a transferência de trabalho, visto que “o ensino da psicanálise não pode transmitir-se de um sujeito a outro senão pelas vias de uma transferência de trabalho”⁵, assinala Lacan, no final da nota adjunta da Ata de Fundação da École/1964.

Desse modo, o Cartel passa a ser o local de execução do trabalho dentro da Escola, a partir do que Lacan recomenda que “*se entre na Escola não a título individual mas a título de um Cartel (... em que cada um leve, nesse pequeno grupo, o seu nome.*”⁶

O Cartel então passa a ser inserido em posição estratégica, fronteira – à entrada da Escola, em lugar estrutural onde a transmissão possa ser colocada em questão. Ora, se toda entrada é passagem, isso nos aponta outras direções: passagem da não-Escola à Escola, de analisante à analista ou ainda de membros e não-membros.

Além do que nos desperta para algumas implicações. O cuidado com que Lacan teve de se evitar o efeito de grupo presente tanto no totalitarismo como no liberalismo, que obturam os laços internos, tornando-os fechados em si mesmos. Coisa que ele combateu no ensino da IPA, que aliás se viu repetir na École, conforme indicado em um de seus textos, *D'Écollage* (março 80), onde Lacan joga com a homofonia em *Décollage* (descolagem ou ainda decolagem); o jogo gira em torno da dissolução da École, da qual Lacan se desgruda e sai voando em direção à Causa Freudiana.) Assim diz:

[...] *só encontramos o grudar-se onde eu fiz menos Escola... que cola (École ...que colle).*

Para combater os efeitos de grupo (colas, grudes), Lacan recomenda que a permuta do Cartel, seja feita após um certo período de trabalho, num prazo estimado de um a dois anos no máximo, para fazer-se sua dissolução, e admite que na École a permuta nunca foi feita; razão essa que lhe é atribuída como causa do seu insucesso.

E o que faz pôr em movimento essa estrutura de funcionamento, que mobiliza a transferência de trabalho, que passa a ser dirigida à Escola como destinatária?

⁵ Ata de Fundação da École Freudienne de Paris – Junho de 1964.

⁶ LACAN, Jaques – A Função dos Cartéis. Transcrição das discussões das Jornadas sobre Cartéis, Abril/75 publicada em Letters de École Freudienne de Paris, nº 18 - 1976

Há toda uma amarração lógica em torno do conceito de Cartel, no que Lacan ao tentar avançar, obter algo novo, propõe “*instituir o novo no funcionamento*”, uma nova teorização no que aponta em seu dispositivo:

“Quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que deve ter um produto. Preciso: um produto próprio de cada um, e não no coletivo”.

*“A conjunção dos quatro se faz ao redor de um **MAIS-UM** [...] será encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração”.*

Sublinhemos o termo Mais-Um que Lacan introduz, mais um complicador (pelo menos para nós), o Mais-Um ou Mais-Uma? Nota-se tratar-se de um novo registro, portanto, que sugere diferentes entendimentos e que recai em desdobramentos.

Depreendemos que o Mais-Um tem como função essencial fazer a passagem da transferência a ele dirigida para a transferência ao tema. O tema, acentuamos, a transferência, volta-se a um tema, e não a uma pessoa, ao redor do qual os membros do cartel se agregam para trabalhar. Isso constitui um grande diferencial.

Falemos um pouco sobre os grupos, como correlato de equipes.

A palavra equipe viria do francês antigo **esquif**⁷ que designava originalmente uma fila de barcos amarrados uns aos outros, puxados por homens (como os barqueiros de Volga) ou cavalos, enquanto não chegavam à época dos rebocadores.

Nessa definição que encontramos, podemos destacar alguns aspectos: há um vínculo (o fato de estarem amarrados juntos) e um objeto comum a ser alcançado conjuntamente (puxando a mesma corda).

Procuremos, então, entender a natureza desse vínculo transferencial, na palavra alemã **Gemeinsschaft**, que enfatiza a comunhão de espírito, o sentimento do “nós” e a relação sócio-afetiva presentes num pequeno grupo.

À frente desse grupo está o líder, aquele que conduz (o Führer), cujo papel, análogo ao de um regente de orquestra, é o de assegurar que o trabalho seja realizado na ocasião certa, que flua harmoniosamente em conjunto e que o desempenho global tenha ritmo e coordenação; é a busca pela sinergia. O seu papel é diferenciado, o de comando, detém o poder do cargo, da posição que lhes é conferida e goza de prestígios.

Em contraponto ao modelo de atuação encontrado nesses grupos de trabalho, o Cartel encerra uma outra lógica, na medida em que:

⁷ Referência extraída do texto reproduzido pela XEROX do Brasil destinado ao treinamento de grupos autogerenciáveis, Diretoria de Operações Comerciais – DEOC Matriz/RJ 1999.

Sua estrutura é sistêmica e não verticalizada, cuja organização circular, e não hierarquizada, é distinguida pelo **gradus** e não por níveis ou cargos, o que confere aos membros uma outra forma de construção de laços de convivência.

Desaloja o líder, identificado naquele que impõe ou que exige obediência, uma vez que a transferência não se apóia na identificação imaginária a esse líder. Ora, sabemos por Lacan que não “existe mestre que não seja o significante”.

O que se produz num Cartel não é um saber fabricado, imposto, correlato ao do escravo (Hegel), um saber subordinado, defendido com arrogância pelas suficiências, mas, sobretudo, um saber cujo emprego é o da linguagem a qual estamos submetidos. Por outro lado, também não é o lugar do fervor da “comunhão dos Santos”, presente nas três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade, assim estaríamos inseridos no campo da religião.

O Cartel é um lugar incompatível com o poder e a autoridade, acentuados na relação líder=seguidores. Não dá poder, nem confere títulos aos interessados em titularidade e prestígio; aí são indicados outros caminhos, pois não serão atendidas as demandas de reconhecimento; para os que a isto visarem, o Cartel passará a ser um lugar incômodo – “os sapatinhos apertados.”⁸

Definitivamente, tocamos com o dedo o lugar da insuficiência, tal qual presente na ironia empregada por Lacan⁹:

“(…) só tenho comigo, decididamente suficiências carentes, carentes de humor, pelo menos”.

Lacan em certa ocasião advertiu¹⁰:

“(…) é inútil que alguém, por se acreditar figura de ponta, nos ensurdeça com os direitos adquiridos de sua” escuta “, com as virtudes de sua” supervisão “e com o seu gosto pela clínica, ou que assuma o ar de entendido daquele que detém algo mais do que qualquer um de sua classe”.

O Cartel então seria uma possibilidade de engajar a Escola em vias que não são da suficiência, nem da comunhão tácita e do conformismo – “república dos egos” (usando de uma expressão de Nasio) e passaria a constituir um meio de formação.

O funcionamento do Cartel está para além dessas relações, onde o saber é dirigido para um lugar, o lugar da verdade e sua relação com o impossível (Real), abordado a partir do simbólico como faltoso, barrado.

⁸ LACAN, Jacques - Écrits, Ed. Du Seuil, Paris, 1966. Situação da psicanálise em 1956, pág. 478 – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. NE. Idiomatismo usado e do qual Lacan parece haver retirado a expressão Petits Souliers que traduzimos como “ Sapatinhos Apertados” – é Être dans sés petits souliers, que significa estar numa situação de desconforto ou constrangimento análogo a de quem tem os sapatos apertados.

⁹ LACAN, Jacques - Outros Escritos – Discurso na Escola Freudiana de Paris, “Proposição sobre o psicanalista da Escola” apresentada em 09 de outubro de 1967 – pág 478.

¹⁰ - Idem, pág 265.

O sujeito no Cartel encontra condições para produzir os seus próprios significantes, a partir do reconhecimento das falhas do saber do Outro; em torno dessa falha, o Real presentifica-se a cada momento na própria linguagem. O sujeito encontrar-se-á então, assujeitado à lei da determinação simbólica que ordena o desejo.

Pincemos daí a lei, desmascaremo-la, no sentido em que é conferida; que a situemos em outro lugar, além ou aquém de todo regulamento, pois ela opera sobre o funcionamento do dispositivo, não dirige os sujeitos, nem os controla, não os manipula em seus jogos ardilosos pelo poder. É desse lugar que a reconhecemos, endereçada à função simbólica, diz respeito à lei da diferença e não da identificação, sustentada na colagem a um mestre, sabendo-se que a um mestre não interessa o singular do sujeito, já que ele encarna o lugar da verdade.

Tangenciando as formulações matemáticas, a teoria dos conjuntos em particular e a topologia, notadamente o **nó borromeano**, o que temos a dizer, ao colocarmos o acento no Mais-Um?

Reconheçamos então o Mais-Um não como líder, mestre, coordenador, mas enquanto função; sua função é de outro estatuto, sua consistência é lógica, um operador lógico, que, ocupando o lugar do significante da falta (-1), serviria de mediação simbólica da descompletude, a partir da não resposta à demanda dos membros do cartel.

Salientemos aí a função implícita de **corte**, fundamental para que se faça a passagem do Cartel à Escola e isso, parece-nos, passa a constituir o essencial na formulação de seu conceito.

Lacan nos dá indicação desse +1 como pertencendo ao registro do estatuto do sujeito inconsciente. Aquele que comparece na cadeia significante e desaparece, eclipsa-se como um “relâmpago”, o que dá sentido à expressão por ele empregada em sua definição como uma *“presença ausente mas sempre desconhecida.”*

Ele seria então aquele que ocuparia o lugar do vazio (zero), da falta absoluta, e, nesse momento, sua inexistência, contudo, passaria a ganhar existência. Devido ao seu valor de função ser operativo, ele provoca efeitos de sujeito e efeitos de discurso, que são as formações do inconsciente. E de onde, a partir da falta de saber que marca a divisão do sujeito, os cartelizantes conduzem suas questões à Escola.

O Mais-Um viria ocupar então esse lugar do vazio (zero), que é demonstrável na Matemática, que entra no jogo para permitir a progressão da cadeia significante, que se dá nesse nível pelo deslocamento da série dos números inteiros naturais.

É, pois, um papel que se desloca, um lugar intercambiável que leva a produzir, que tem como perícia a de sustentar a relação que cada um pode ter com o seu trabalho, com o que tem a dizer.

Conforme nos diz Lacan, “É necessário um buraco que mantenha o todo em conjunto. Só existe criação, cada vez que avançamos uma palavra, fazemos surgir do nada”. (Ex-nihilo= núcleo do Real- A coisa.)

Por outro lado, surpreendemo-nos em nossa pesquisa, ao descobrirmos mais um campo do conhecimento, além dos que já foram situados no texto, que acreditamos ter influenciado Lacan na formulação do conceito enigmático do Cartel e do Mais-Um.

No *Le Sinthome*¹¹ (1976), Lacan nos dá uma chave, ele descreve o personagem Leopold Bloom (Ulysses de James Joyce) como prudente. Ele diz: [...] “E, é em sua **função** (grifo meu) de prudente que nós o encontramos aqui”. Mais adiante ele recorre ao mito de Hermes para dar significação ao termo em suas palavras : [...] “É portanto, o dom de Hermes, Deus das vias públicas, e é a influência invisível” [...] “É, portanto, algo que confirma Bloom em seu papel de prudência.” E ao final ele nos entrega o jogo (que nem sempre isso acontece), no que nos diz: [...] “acima de tudo, é Santo Tomás que fala disto.”

O conceito do Mais-Um toma alcance na filosofia clássica (ética e moral) na obra de Tomás de Aquino “*Sinthomeni*”, posto que a Virtude da Prudência se destaca como a primeira dentre as Quatro Virtudes Cardeais: a prudência, a temperança, a justiça e a fortaleza.

Tomás sempre atento à linguagem dirá que **prudens** vem de **porro uidens**, “ver longe”. A prudência é considerada na obra de Tomás como a Cardeal das cardeais virtudes; é definida como a virtude da decisão, o agir virtuoso, a arte de tomar a decisão certa. Em suma, trata-se da inteligência ou sabedoria exigida de todo Cristão. Note-se o destaque que lhe é conferido por trazer consigo o enfrentamento do peso da incerteza, que tende a paralisar os imprudentes.

As quatro Virtudes Cardeais formam um quadrado circular e transformam-se numa só; é isso que o prof^o Jean Laund¹², tradutor de Tomás, nos diz. De qual articulação Lacan estaria se aproximando? Da estrutura do sujeito? Sem perdermos de vista que há uma referência matemática com o n 4 (3+1) que corresponde ao número mínimo de membros recomendado para a constituição do Cartel. Daí torna-se possível a recorrência ao campo da filosofia, como viés para a construção lógica do conceito do Cartel e do Mais-Um, cuja *demonstração* Lacan nos dá utilizando-se do campo da topologia, precisamente do **nó borromeano** (x+1), representado pelos Registros Real, Simbólico e Imaginário. Mas, não por acaso, encontramos ainda: “A palavra Cardeal vem da palavra cardo, gonzo, eixo em torno do qual se abre a porta...”, façamos com isso um retorno ao tema.

Abdicarmos da prudência, no dizer de Josef Pieper¹³, do Mais-Um, a Cardeal das cardeais, significa perdermos o eixo, o gonzo, o que torna o Mais -Um imperativo no Cartel.

Idéia-núcleo selecionada:

“Uma porta se fechava (IPA), outra se abria (ÉCOLE), marcando nessa dialética do movimento de dobradiça: no abrir e no fechar – uma nova trajetória de ensino.”

¹¹ O Sinthome torna-se o Santo Homem (jogos permitidos pela homofônica aproximada das expressões em francês: Sinthome e Saint Home, Sinthome e Saint Thomas. Pág 284 – Lacan a Trajetória do seu ensino).

¹² Laund, Jean – prof^o Titular da FEUSP (tradutor de Tomás).

¹³ Pieper, Josef – Virtudes Fundamentais, Lisboa, Áster – 1960.

Jean Laund – profº Titular – FEUSP (tradutor de Tomás)

Pieper, Josef – Virtudes Fundamentais, Lisboa, Áster, 1960.

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas